



O Hospital Universitário de Brasília funciona como uma extensão do curso de medicina da UnB, mas a redução da verba deve acarretar na diminuição dos atendimentos aos pacientes

Hospital não paga água e luz

Ministério da Saúde repassa R\$ 1 milhão por mês para HUB, mas o dinheiro não dá. Atendimento aos pacientes deve diminuir

Ao mesmo tempo em que é disputado pelos pacientes, o Hospital Universitário de Brasília enfrenta dificuldades. Os recursos para o HUB são do Ministério da Saúde, que paga pelos procedimentos efetuados. Mas, desde setembro, o reembolso, via secretaria de Saúde do DF, está limitado ao teto de R\$ 1 milhão por mês. A opção emergencial da diretoria foi suspender o pagamento de encargos de pessoal e das contas de água e luz, mesmo sob ameaça de corte no fornecimento.

A médio e longo prazo, a solução deverá ser mais trágica. "Vai chegar ao ponto que vamos começar a prejudicar o serviço de internação e ambulatório, e, consequentemente, a população", diz o diretor da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, Ibrahim Belaciano, à qual o hospital é ligado.

Traduzindo: o atendimento vai diminuir. O quadro atual já é de estrangulamento. Para suprir as vagas, reduzidas, adotou-se o sistema de senha. O paciente fica ligando para saber qual a data do mês reservada à

marcação. Depois vai até o hospital buscar o número. Volta outro dia para agendar a consulta e um terceiro para, finalmente, se consultar.

O sistema não desencoraja quem precisa de um doutor. Desesperadas, as pessoas vão para a porta do hospital até com 24 horas de antecedência para garantir uma vaga. Semana passada houve confusão no setor de Ecografia. As 25 vagas do mês estavam sendo disputadas por mais de 100 pacientes. A dona de casa Teresinha Rodrigues, 29 anos, entrou na fila às 19h do dia seguinte e organizou uma lista. "Se não fosse assim, eu não teria conseguido", afirmou.

A primeira pessoa da lista tinha chegado às 7 da manhã de segunda-feira. Derrotada, uma velhinha foi embora chorando. "As pessoas não se conformam", comentou uma funcionária do hospital que não deu o nome. Os 12 anos de serviço não impediram que ela também dormisse na fila.

No ambulatório, em outro prédio, o pernoite foi proibido. Para reservar o lugar, as pessoas costumam



Terezinha Rodrigues dormiu na fila para conseguir consulta e organizou lista com o nome dos pacientes

colocar uma pedra e esperar, ao relento, o sol raiar. A sorte é que, para quem já se consultou pela primeira vez, o retorno é automático.

"A nossa capacidade de atendimento é limitada", justifica Elias Tavares de Araújo, diretor-geral do HUB. O problema é que o hospital está encolhendo. Em 1990, quando foi transferido do extinto Inamps para a UnB e transformou-se em hospital-escola, havia 1.947 funcionários para 260 leitos. Oito anos mais tarde, a relação é de 1.758 servidores para 295 leitos.

Dos 1.482 funcionários do antigo Inamps, restaram apenas 644. A maioria se aposentou. A vaga continua vazia, por ordem do governo federal, que não autoriza contratações.

Atualmente, 659 servidores são contratados sem concurso público como prestadores de serviço e pagos com o dinheiro do Sistema Único de Saúde (SUS), o que é ilegal. "É uma solução provisória enquanto não abrem o concurso. Ou fazemos assim, ou fechamos o hospital", diz o diretor.

AS MOSCAS

Os sintomas de falência começaram pelo 4º andar, que está praticamente desativado. Há espaços ociosos nos 39,5 mil metros quadrados de área construída que formam o complexo hospitalar. A estrutura comporta 400 leitos, mas funciona com quase um terço a menos: 295.

"O ideal seria quase dobrar o número de médicos e enfermeiros", calcula o médico Carlos Alberto Viegas. O raquitismo na estrutura de pessoal gerou uma situação sui generis. Enquanto faltam médicos em qualquer hospital do país, no HUB faltam pacientes. Cada doente é visitado, diariamente, por pelo menos

cinco estudantes de medicina ou médicos recém-formados, os chamados residentes. "Incomoda muito o paciente, mas não tem outro jeito de ensinar medicina a não ser à beira do leito", afirma Viegas.

Pertencente à Universidade de Brasília, o HUB é uma extensão da sala de aula. Nele se aprende a prática do ofício. Por semestre, passam por ali 740 estudantes, da medicina à psicologia. Da nutrição à arquitetura. Mas as lições são incompletas. Tomógrafo e ressonância magnética, não há. A unidade de Raio X e Ecardiografia é da "idade da pedra".

Mas é no Centro de Hemodiálise que o sucateamento é mais ameaçador. As máquinas usadas para filtrar o sangue dos doentes renais não estão de acordo com a portaria baixada pelo Ministério da Saúde há dois anos, depois da tragédia de Caruaru (Pernambuco), quando 64 pessoas morreram por contaminação da água.

O prazo para trocá-las venceu em outubro, mas não há mudanças à vista. "Nós temos pacientes que há 12 anos fazem tratamento nelas. Elas sempre serviram e agora não podem servir mais um pouco?", questiona a enfermeira Elinete dos Santos. Os pacientes não questionam. É pegar ou largar. Eles ficam e se tratam.